

RUPTURA DO VÍNCULO E ESCOLHA PELA VIDA: o dilema da doação de órgãos após a perda de um filho
RUPTURE OF THE BOND AND CHOICE FOR LIFE: the dilemma of organ donation after the loss of a child

Inês Bianca Ferro¹, Faculdade UMFG, inesbiancaferro@gmail.com
Raquel Dovigo Nogueira², Faculdade UMFG, racheldovigo@gmail.com
Rubia Guimarães Schley³, UMFG, rubia.schley@gmail.edu.br

Resumo: O presente estudo visa compreender o processo do luto parental diante da perda de um filho e em como é profundamente marcado pela ruptura do vínculo afetivo estabelecido durante a infância, conforme a Teoria do Apego de John Bowlby. A perda traz controvérsias emocionais profundas que tendem a interferir na aceitação da finitude da vida, pois a criança frequentemente simboliza sonhos e expectativas. Através da abordagem qualitativa e da revisão bibliográfica, foram analisadas obras clássicas e artigos recentes sobre a decisão da doação de órgãos, com base na teoria de Bowlby e na psicanálise de Freud sobre o luto e a elaboração da perda. A decisão de doar órgãos intensifica o conflito ético e emocional vivenciado pelos pais, que enfrentam sentimentos de negação, culpa e choque diante da ruptura do vínculo afetivo e da perda definitiva do objeto amado. A atuação da equipe de saúde deve ser sensível, pautada na escuta ativa e na comunicação clara. É essencial considerar um tempo necessário para que a família possa assimilar a morte e que assim possa receber um suporte psicológico adequado pós-doação, para que não haja um sofrimento prolongado e o desenvolvimento de uma elaboração saudável do luto. A pesquisa destaca a importância do respeito ao tempo que a equipe de saúde deve levar em consideração para que a decisão de doar órgãos ocorra de forma consciente e acolhedora.

Palavras-chave: apego; doação de órgãos; equipe de saúde; luto; superação.

Abstract: This study aims to understand the process of parental grief in the face of the loss of a child and how it is profoundly marked by the rupture of the emotional bond established during childhood, according to Bowlby's Attachment Theory. Loss brings with it profound emotional controversies that tend to interfere with the acceptance of the finitude of life, since the child often symbolizes dreams and expectations. Through a qualitative approach and bibliographic review, classic works and recent articles on the decision to donate organs were analyzed, based on Bowlby's theory and Freud's psychoanalysis on grief and the elaboration of loss. The decision to donate organs intensifies the ethical and emotional conflict experienced by parents, who face feelings of denial, guilt and shock in the face of the rupture of the emotional bond and the definitive loss of the loved one. The health team's actions must be sensitive, based on active listening and clear communication. It is essential to consider the time necessary for the family to assimilate the death and thus receive adequate psychological support after the donation, so that there is no prolonged suffering and the development of a healthy elaboration of grief. The research highlights the importance of respecting the time that the healthcare team must take into account so that the decision to donate organs occurs in a conscious and welcoming manner.

Keywords: attachment; organ donation; healthcare team; grief; coping.

1 INTRODUÇÃO

A partir do estudo sobre os aspectos emocionais e psíquicos que envolvem os pais diante da perda de um filho, e às possibilidades de doação de seus órgãos, com base nos fundamentos da Teoria do Apego, de John Bowlby (1997), e nos conceitos psicoanalíticos de Sigmund Freud (1917/2010), em seu estudo clássico *Luto e Melancolia*, Bowlby vai dizer que a dor do luto é, portanto, uma manifestação direta da profundidade do vínculo rompido, que foi estabelecido na infância, e que este funciona como um "modelo interno de segurança". Portanto, os fundamentos da

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade UMFG

² Graduanda em Psicologia pela Faculdade UMFG

³ Psicóloga especialista em Psicologia da Saúde e Hospitalar

Teoria do Apego apresentados por Bowlby e os conceitos psicanalíticos de Freud podem orientar o modo como os pais percebem e enfrentam a separação frente à perda da figura de apego e ao elo emocional (*secure base*). Desta forma, um padrão de relacionamento é internalizado e marcado por um apoio essencial que pode vir a influenciar futuramente as emoções e a maneira sobre como os pais irão lidar com as experiências de vulnerabilidade ou ameaças ao longo do desenvolvimento dos filhos. Quando os laços afetivos de base segura são quebrados, os pais tendem a responder a essa perda com uma adaptabilidade maior. Porém, quando há sentimentos de insegurança ou sentimentos desorganizados em relação a essa base segura, o impacto negativo pode permanecer por toda a vida, o que dificulta o processo de elaboração do luto.

Sob o ponto de vista da psicanálise, Sigmund Freud (2010), em seu clássico estudo sobre *Luto e Melancolia*, compreende o luto como um processo necessário, pois a elaboração da perda trata-se de uma questão na qual o ego, aos poucos, se desprende do objeto amado. No contexto da perda do objeto amado, a elaboração do luto torna-se ainda mais complexa, pois a criança representa, muitas vezes, não apenas um objeto de afeto, mas também uma extensão simbólica do próprio eu, que carrega projeções, sonhos e identificações dos pais. Portanto, sua morte pode provocar uma ruptura profunda no psiquismo parental e reforçar os modelos internos presentes na teoria de Bowlby. Bem como os mecanismos inconscientes de luto e identificação de Freud. Diante da decisão sobre permitir ou não a doação de órgãos no contexto da morte de um filho, os pais são expostos a um verdadeiro dilema, pois, aceitar que não aver mais o retorno o ente querido para as suas vidas, se torna um fato inicialmente desolador e, assim que é autorizada a doação de órgãos, a dor do luto é o desafio com o qual os pais precisam aprender a lidar visto que, não há mais espaço para idealizações nesse momento, mas se trata de encarar a morte em sua forma mais crua. A doação, embora venha a ter um potencial de salvar vidas, implica na aceitação de que a perda é definitiva. Mesmo que compreendam racionalmente a importância do ato, muitos pais sentem que estão deixando o corpo do ente querido ser violado, se veem paralisados pelo choque, pela negação ou pela culpa, sentimentos contraditórios, mas que estão presentes frente às etapas após a morte e a que antecede a escolha pela doação dos órgãos.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A seguinte pesquisa trata-se de um estudo qualitativo baseada em uma revisão bibliográfica, tem como objetivo articular dois eixos principais, analisar como as contribuições teóricas de John Bowlby e Sigmund Freud auxiliam na compreensão do processo de luto parental, e discutir como a atuação dos profissionais de saúde, diante da possibilidade de doação de órgãos, pode oferecer um acolhimento ético e sensível às famílias enlutadas. A coleta de dados foi realizada por meio de bases teóricas e fontes oficiais, como o Portal do Governo Federal (GOV.BR), que reúne conteúdos produzidos por órgãos públicos, a Biblioteca Virtual em Saúde, o U.S. National Library of Medicine (PubMed), a Scientific Electronic Library Online (SciELO), o Google Scholar e o ResearchGate. Além dessas fontes, também foram consultados trabalhos de dissertação de mestrado e livros publicados entre 2007 e 2025. O estudo abordou temas como o impacto psicológico diante da perda de um ente querido, o processo de decisão sobre a doação de órgãos e os fatores emocionais e simbólicos envolvidos no luto parental, que podem interferir significativamente como os pais vivenciam emocionalmente a experiência da perda e o impacto emocional e simbólico que a morte do filho provoca no processo de luto. A análise foi desenvolvida com finalidade interpretativa, permitindo uma compreensão mais profunda das emoções vivenciadas pelos pais e da atuação das equipes de saúde ao abordarem essas famílias, destacando a importância de uma conduta profissional ética, sensível e acolhedora diante da fragilidade emocional dos envolvidos.

3 RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

O estudo proposto, com base em revisão bibliográfica, buscou compreender como o elo da relação entre pais e filhos é formado e, como, diante da construção deste vínculo, o luto parental pode se manifestar e impactar diretamente a decisão sobre a doação de órgãos. Quando a perda de um ente querido está associada à doação de órgãos, o processo de luto pode adquirir alguns significados complexos, o qual é marcado por uma dor profunda, repleta de sentimentos incertos. Ao mesmo tempo, a doação de órgãos torna-se uma forma de dar continuidade simbólica à vida do filho, atribuindo à sua morte um sentido de solidariedade e esperança para outras famílias (Bittencourt et al., 2011). No caso de uma ruptura de um vínculo significativo, especialmente quando se trata de uma figura de apego, como um filho, podem ocorrer diversas reações emocionais intensas, tais como negação, angústia, desorganização e profundo sofrimento (Ramires; Schneider, 2010). De acordo com Bowlby (1989), a dor do luto é, portanto, uma manifestação direta da profundidade do vínculo rompido, ao mesmo tempo que a possibilidade de salvar outras vidas pode proporcionar aos pais conforto frente ao luto. Pesquisas revelam que o tempo que a família tem para compreender a realidade da morte encefálica é um momento crucial para considerar a doação de órgãos. As mães, em particular, relatam que a doação de órgãos pode simbolizar para elas uma forma de permanência do filho no mundo, mesmo que em outro corpo. Essa perspectiva pode auxiliar na resignificação da perda e no enfrentamento do luto. (Bittencourt et al., 2011).

De acordo com Rech e Rodrigues Filho (2007), a entrevista para tratar sobre a doação de órgãos deve ocorrer num ambiente acolhedor e com tempo suficiente para que a família assimile o diagnóstico de morte encefálica. Iniciar uma abordagem precoce e sem empatia pode ocasionar uma sensação de desrespeito, pois, vivenciar uma ruptura abrupta do vínculo do objeto de apego pode intensificar a dor dos pais e gerar insegurança emocional. Tal experiência é marcada fortemente por um impacto psicológico, que pode interferir diretamente na forma como esses pais compreendem a situação e a como reagem. A decisão pela doação não ocorre de forma racional e linear, mas trata-se, por vezes, de atravessar camadas profundas de aspectos afetivos, crenças e expectativas em relação ao outro que foram frustradas (Rech; Rodrigues Filho, 2007). No Brasil, o processo de doação de órgãos é regulamentado pela Lei nº 9.434, de 4 de fevereiro de 1997, que dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante (Brasil, 1997). Mesmo que o paciente tenha manifestado o desejo de ser doador, a autorização é concedida pelo consentimento dos familiares, o que coloca a família em uma posição de grande responsabilidade e pressão em meio a um cenário de dor (Knihis et al., 2016). A dificuldade em compreender a morte de um corpo que ainda apresenta aspectos vitais, como batimentos cardíacos e respiração por aparelhos, pode agravar o sofrimento dos familiares, apesar da necessidade de urgência na tomada de decisões. No caso da morte encefálica, a dificuldade em aceitá-la como realidade é comum, conforme apontado pela literatura médica. Esse fenômeno está associado a mecanismos de defesa do ego dos indivíduos, que procuram amenizar a sua dor alimentando a esperança de uma possível recuperação do ente querido (Knihis et al., 2016; Cajado & Franco, 2016).

Após a confirmação do diagnóstico, a família irá receber a notícia do óbito e a informação acerca dos direitos que possuem sobre a possibilidade de doação de órgãos, regulamentada pela Lei nº 9.434/1997 (Brasil, 1997). Nesse momento decisivo, os profissionais da área da saúde precisam transmitir, de forma clara, objetiva e sensível, todos os detalhes referentes ao tratamento, à gravidade do quadro e ao prognóstico (Knihis et al., 2016). Essa comunicação é ainda mais crucial quando se leva em conta o contraste entre o “tempo qualitativo”, para que os familiares processem a perda, e o “tempo cronológico”, no qual os profissionais devem se atentar para assegurar que a doação seja viável (Cajado; Franco, 2016). A escuta ativa, pautada na empatia, deve estabelecer uma comunicação respeitosa e permitir a fluidez dos sentimentos. Nesse contexto, o papel do psicólogo, quando atuante na Comissão Intra-hospitalar (CIHDOTT), se torna imprescindível para mediar e orientar a família nesta tomada de decisão – um processo que reflete a possibilidade de

continuidade da vida, além de ser um gesto solidário de ajudar o próximo (Silva, 2016).

Diante dessa difícil decisão, a família precisa lidar não apenas com a dor da perda, mas também com os dilemas éticos e emocionais que envolvem a doação de órgãos. Cada pessoa elabora o luto de maneira singular, e a aceitação dessa possibilidade depende de diversos fatores (Knihs et al., 2016). Nesse contexto, entende-se que quando o paciente manifesta em vida o desejo de doar ou não seus órgãos, isso ajuda e acalma o coração da família no momento de tomar a decisão (Silva, 2016). Assim, a abordagem sensível dos profissionais de saúde é determinante para que os familiares se sintam amparados e tenham espaço para refletir. A experiência do luto, permeada por incertezas e sentimentos ambíguos, ganha novos contornos quando a doação é vista como uma forma de transformar a dor em esperança, permitindo que a vida, de alguma maneira, se prolongue por meio de outros. Portanto, o respeito ao tempo da família e à sua capacidade de assimilação é fator essencial para que a decisão seja tomada de forma consciente e alinhada aos seus valores (Cajado; Franco, 2016).

Por fim, é essencial ressaltar que a decisão sobre a doação de órgãos cabe exclusivamente à família. Independentemente da escolha que estes tomem, a equipe de saúde tem a responsabilidade de oferecer acolhimento. Caso a resposta seja positiva, esse suporte deve ocorrer não apenas durante o processo de doação, mas também no período posterior. Um acompanhamento emocional adequado é fundamental para que os familiares consigam lidar com a dor do luto e sigam adiante (Cajado; Franco, 2016). A falta desse acolhimento pode resultar em um sofrimento prolongado, o que leva, em alguns casos, à melancolia. De acordo com Freud (2010), em Luto e Melancolia, a melancolia pode levar o indivíduo a uma intensa autodepreciação e culpa, o que pode gerar um conflito interno sobre sua decisão. No contexto da doação de órgãos, esse sentimento pode se manifestar na posterior ambivalência em relação à escolha feita, o que gera a dolorosa crença de que o ente querido poderia ter despertado caso a decisão fosse diferente. Esse sofrimento torna ainda mais evidente a necessidade do acompanhamento psicológico pós-doação ou pós-luto, permitindo que os familiares reelaborem a perda e preservem a memória do ente querido sem comprometer sua saúde emocional (Knihs et al., 2016).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos conceitos da Teoria do Apego de Bowlby (1997; 1989) e da psicanálise freudiana (Freud, 1917/2010), observa-se que a perda de um filho é uma experiência de profunda complexidade emocional, marcada pela ruptura de um vínculo intenso e pela dificuldade de elaborar o luto. Este estudo abordou os dilemas enfrentados pelos pais diante da doação de órgãos, especialmente frente à aceitação da finitude da vida (Cajado; Franco, 2016; Bousso, 2008). A intensidade desse rompimento pode gerar sentimentos de negação e insegurança, dificultando a aceitação da perda e a tomada de decisão (Knihs et al., 2016). No entanto, há também a possibilidade de transformar a dor em um gesto de solidariedade que ressignifique o luto (Bittencourt; Quintana; Velho, 2011).

A doação pode representar tanto um desafio quanto uma forma de continuidade simbólica da vida do filho. Essa decisão, permeada por aspectos emocionais e sociais, exige acompanhamento sensível da equipe de saúde. A escuta empática e a abordagem humanizada mostram-se essenciais para apoiar os familiares na decisão consciente (Silva, 2016; Rech; Rodrigues Filho, 2007). Conclui-se que os objetivos do estudo foram alcançados ao evidenciar a influência do apego no luto parental e a complexidade dessa escolha. Recomenda-se o aprofundamento de estudos sobre os impactos da doação ao longo do tempo, considerando espiritualidade, apoio social e práticas de acolhimento psicológico que ajudem a minimizar o luto prolongado e seus desdobramentos (Ramires; Schneider, 2010; McLeod, 2017).

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Ana Luiza Portela; QUINTANA, Alberto Manuel; VELHO, Maria Teresa Aquino de Campos. *A perda do filho: luto e doação de órgãos*. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 28, n. 4, p. 435–442, dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000400004>. Acesso em: 15 maio 2025.
- BOUSSO, Regina Szylit. *O processo de decisão familiar na doação de órgãos do filho: uma teoria substantiva*. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 45-54, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/xwqzRrr6HJqk8WdF8HdVVhK>. Acesso em: 27 abr. 2025.
- BOWLBY, John. *Apego e perda: perda – tristeza e depressão*. Tradução de Mário Brandão da Motta. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BRASIL. *Lei nº 9.434, de 4 de fevereiro de 1997*. Dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante. Brasília, DF: Presidência da República, 1997. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19434.htm. Acesso em: 15 maio 2025.
- CAJADO, Maria Constança Velloso; LINS, Anamélia; FRANCO, Silva. *Doação de órgãos e tecidos para transplantes: impasses subjetivos diante da decisão familiar*. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Salvador, v. 40, n. 2, 2016. Acesso em: 09 maio 2025.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas*, v. 12: *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 2010.
- KNIHS, Neide da Silva; LEITZKE, Tiago; ROZA, Bartira de Aguiar; SCHIRMER, Janine; DOMINGUES, Tania Arena Moreira. *Compreensão da vivência da família frente à hospitalização, morte encefálica e entrevista para doação de órgãos*. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Maringá, v. 14, n. 4, p. 1520-1527, 2016. Acesso em: 26 maio 2025.
- RAMIRES, Vera Regina Röhnelt; SCHNEIDER, Michele Scheffel. *Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação?* **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v. 26, n. 1, p. 25–33, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/q8Cz87Kp9lZyYhZrQSkY8vQ>. Acesso em: 15 maio 2025.
- RECH, Tatiana; RODRIGUES FILHO, Érico. *Entrevista familiar e consentimento*. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 94–98, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbti/a/jkDmfrs4nJztLZrpKxkMXVc>. Acesso em: 15 maio 2025.
- SILVA, Luiz Antônio da. *O psicólogo na mediação positiva para a doação de órgãos*. **Brazilian Journal of Transplantation**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 20–25, 2016. DOI: 10.53855/bjt.v19i1.103. Disponível em: <https://bjt.emnuvens.com.br/revista/article/view/103>. Acesso em: 15 maio 2025.